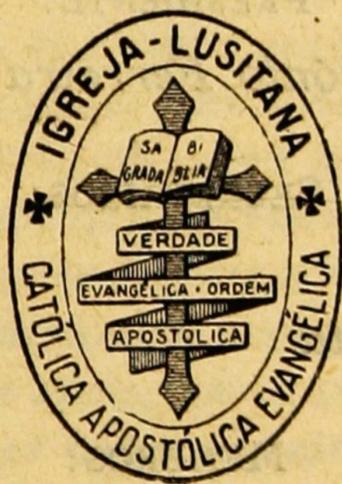


IGREJA LUSITANA

CATÓLICA, APOSTÓLICA, EVANGÉLICA

RELATÓRIO-COLECTIVO



IMPRESA PORTUGUESA

108, Rua Formosa, 116

PÓRTO - 1940

SÍNODO DIOCESANO

PRESIDENTE HONORÁRIO:

Rev. Frederico W. Flower

PRESIDENTE EFECTIVO:

Rev. António Ferreira Fiandor

SECRETÁRIOS:

SUL: *Rev. Belarmino J. V. Barata* — NORTE: *Rev. Agostinho F. Arbiol*

MEMBROS:

Todos os ministros com Congregações a seu cargo e um representante secular das mesmas

SÉDE:

Presbitério da Igreja de S. João Evangelista — V. N. de GAIA



COMISSÃO PERMANENTE

PRESIDENTE:

Rev. António Ferreira Fiandor

SECRETÁRIOS:

No SUL, sem voto

Rev. Belarmino J. V. Barata

No NORTE, sem voto

Rev. Agostinho F. Arbiol

MEMBROS:

Rev. Armando Pereira Araújo

Rev. Augusto Nogueira

Rev. José Pereira Martins

Rev. Josué Ferreira de Souza

e um membro secular por cada ministro, sendo estes das Congregações do Sul ou do Norte, onde esta Comissão reunir.



Tanto o SÍNODO como a COMISSÃO PERMANENTE reúne no Sul ou no Norte, conforme as circunstâncias o exigam.

EVENTOS DE 1939

ACOMPANHADOS

DE CONSIDERAÇÕES RETROSPECTIVAS

PREZADOS IRMÃOS E AMIGOS:

HÁ, já bastantes anos, que a Igreja Lusitana não publica o seu Relatório, anual e colectivo, por circunstâncias justificadas. Encarregados, êste ano, de o publicar, vamos desempenhar-nos, dentro de tôda a disciplina, dêste encargo, uma vez que a nossa Igreja-mãe, não é uma planta exótica no solo pátrio, nem um organismo blasfemo ou desnacionalizador. Pelo contrário, fiel à Palavra-de-DEUS — regra de fé da comunidade cristã — firma-se num único DEUS-trino, do qual é segunda Pessoa, JESUS-CRISTO, exclusivo Medianeiro e Redentor da Humanidade.

Enquanto à sua legitimidade nacional, basta recordar que a Igreja Lusitana, remonta a sua origem na Península Hispânica, às prègações apostólicas ou, mais positivamente, ao trabalho missionário dos enviados ou discipulos dêstes, não sendo descabido nas manifestações centenárias da Nacionalidade portuguesa, nas quais é focada a personalidade de D. Afonso Henriques, lembrar que o nosso primeiro rei, pugnando pelas liberdades da Igreja, na Nação que fundara, como o confessa o padre Souza Amado, no tómo III da sua *História da Igreja Católica em Portugal*, « não quis que um metropolitano estrangeiro tivesse jurisdição, em povos que libertara ».

Desta maneira, a actual Igreja Lusitana, restaurada em 1880, não consente que nenhum membro do seu clero, seja consagrado nas apostólicas Ordens de Diácono ou Presbítero, sem que antes, públicamente, diga: « Declaro que nem « o bispo de Roma, nem qualquer outro prelado estrangeiro, tem, nem pode ter, « qualquer jurisdição, poder, superioridade, ou autoridade eclesiástica ou espiritual, legítima na Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica », sendo muito mais enfática a declaração de bispos a consagrar, pois terão de prometer: « Combaterei e rejeitarei tóda a jurisdição, superioridade ou autoridade « eclesiástica ou espiritual, que o bispo de Roma, ou qualquer outro prelado « estrangeiro, pretenda exercer dentro da dita Igreja; e, defenderei e mantereii « sempre a independência, jurisdição e autoridades próprias e legítimas da « Igreja Lusitana ».

Por estes princípios intangíveis e outros que poderíamos juntar, se prova a Nacionalidade da nossa organização que, pelo contrário, não o suportaria a nossa alma portuguesa, nem seria o espirito de tódas as Igrejas Nacionais, firmes na independência da sua razão de ser, embora integradas na Igreja Universal, sem séde neste ou naquele país, cuja cabeça é CRISTO.

IN MEMORIAM

DOS

OBREIROS FALECIDOS NO INTERREGNO DÊSTE RELATÓRIO

Rev. Diogo Cassels
Rev. André B. Cassels
Rev. Júlio Bento da Silva
Rev. Bispo-eleito Joaquim dos Santos Figueiredo
Evangelista José Pereira Martins Júnior
D. Carolina D. Flower
Evangelista Domingos Ramos Custódio



Se alguém está em CRISTO, nova criatura é.
— II Corint. 5:17.

O SENHOR será a tua luz perpétua, —
Isaias, 60 20.

Uma vez que defendemos a nossa Nacionalidade, impõe-se que igualmente defendamos o nosso Catolicismo. É claro, não abdicamos do princípio vital que quem inspira e dirige a Igreja, é NOSSO SENHOR JESUS-CRISTO, contudo o Cristianismo, dada a presunção humana, não foi isento de enxertos heréticos e, assim como nos tempos apostólicos, foi necessária a reunião dos próprios Apóstolos e anciãos da Igreja em Jerusalém, para decidir sobre o espírito judaizante que perturbava a liberdade e eficácia da Nova-Dispensação, exemplificada e ensinada por JESUS, um século mais tarde, quando a Igreja começou a estender-se da Índia, no Oriente, até à Gália e Lusitânia, no Ocidente, desde as regiões do Sul da Etiópia às ilhas setentrionais da Bretanha, à cristandade, foi-lhe necessário reunir em Concílios gerais e provinciais, a-fim-de combater muitos erros. A Igreja Universal, aceita, em geral as resoluções de seis Concílios ecuménicos, mas dos restantes, como foram compostos por homens, nem sempre governados pelo ESPÍRITO-DE-DEUS, a Igreja Lusitana, acha que as suas resoluções « não têm fôrça nem autoridade, quando se não possa declarar que são tiradas da Escritura Sagrada ».

Dêste modo, como Igreja Católica, conservamos na nossa Liturgia, para o Culto da manhã, o *Credo dos Apóstolos*; para o Culto da tarde e Sacramento da Ceia do Senhor, o *Credo de Niceia* e, para o Natal, Epifânia, Páscoa, Ascensão, Pentecostes e Trindade, a confissão de Fé, vulgarmente chamada *Credo de Santo Atanázio*, símbolos que estão em inteira concordância com a Sagrada Escritura.

Da apostolicidade e evangelismo da nossa Igreja, basta reparar que as doutrinas dos Apóstolos, como consequência directa do Ensino de JESUS, nos são peculiares e, que do Evangelho, só queremos a essência, não o arremêdo ou ficção.

Dada esta resumida explicação, necessária ao momento confuso e dissolvente que o mundo atravessa, no qual em todos os sectores do Cristianismo

IN MEMORIAM

DE
TODOS

Os Membros e Amigos da IGREJA LUSITANA falecidos no interregno
dêste Relatório.



Guardados na virtude de DEUS, — I Pedro, 1:5.
Quem nos separará do AMOR de CRISTO? —
Rom., 8.35.

se fala na defesa da fé e civilização cristã, igualmente a mesma serve para destacar que dentro da Igreja Lusitana, não há necessidade de defender, depurar ou reformar, mas unicamente de conservar.

Principiando a entrar nos eventos de 1939, acompanhados de considerações retrospectivas, dado o lapso de tempo entre êste Relatório e o último publicado, também para esclarecimentos, ao presente, muito necessários, falemos do nosso Sínodo, organismo directivo da administração colectiva da nossa Igreja.

A presidência que por falecimento do rev. Godofredo Pope, passara ao rev. Cândido Joaquim de Souza, genuíno discípulo do primeiro, não só pelo seu prestigioso tino, mas pelo desejo de manter em Portugal uma Igreja «portuguesa, não romana», passou, por morte dêste, para o rev. Joaquim dos Santos Figueiredo, ilustre eclesiástico que, para dar razão à sua consciência e fé, abjurou o romanismo e chegou a ser o primeiro bispo-eleito da Igreja Lusitana restaurada, vinculando a sua personalidade no evangelismo-português, com a sua grande modéstia e como escritor de profundo relêvo combativo do êrro, cujos argumentos, bem documentados, não deixavam margem a réplicas. Falecido êste saudável irmão, subiu à presidência o rev. Frederico W. Flower, elevado num gesto de verdadeira admiração pelo Homem, que gastou a maior parte da sua vida, num trabalho contínuo, sem espavento, dentro da mais rígida observância do Evangelho, tornando-se pai espiritual e modelo de trabalho, de quatro dos ministros da nossa Igreja, bem como de alguns prègadores licenceados.

Infelizmente, o roble que frondoso se erguera, octogenário, cansado e digno de repouso, reconheceu que devia resignar o seu mandato e, o Sínodo de 1939, esgotadas algumas sinceras tentativas de renúncia, foi constrangido a aceitar-lhe a sua resignação da efectividade, conservando-o como seu presidente honorário, pois não pôde deixar de acatar os seus ainda lúcidos conselhos.

Nestas circunstâncias, o Sínodo têve necessidade de eleger novo presidente efectivo. Sempre foi uso na Igreja Lusitana, prestigiar os mais velhos. Estava na escala o rev. Josué F. de Souza, já pelo seu impóluto carácter, já porque vinha da infância da restauração da nossa Igreja, já porque era filho do rev. Cândido de Souza e durante largos anos fôra secretário do Sínodo. Foram baldados todos os esforços para que êste querido irmão aceitasse a pre-

A IGREJA LUSITANA AGRADECIDA A TODOS

os Amigos e Irmãos que de «Boa-Vontade e Coração-Alegre» espiritualmente colaboram num auxílio demonstrativo da sua acrisolada isenção-cristã, e, BEM ASSIM, à Imprensa, aos Amigos da Instrução, Empresas Comerciais e Industriais, organizações artísticas e musicais, antigos alunos, comissões de Senhoras, que infatigável e generosamente contribuem ou cooperam nas Quermesses ou Festas do Natal das suas

ESCOLAS DIÁRIAS E DOMINICAIS

Observado este principio e não podendo ser levado por diante, o Sinodo de 1939, que primou pela elevação de espirito cristão impresso em todos os seus árdus trabalhos e resoluções, elegeu por unanimidade o rev. António Ferreira Fianador, filho espiritual do rev. Frederico W. Flower e que, afinal, como secretário do Sinodo, vinha fazendo muito do serviço presidencial, pelo que a sua eleição foi justa.

O novo presidente do Sinodo, é um daqueles ministros que teve a felicidade de pertencer ao primeiro Curso Teológico da Igreja Lusitana, regido pelo sabio professor rev. dr. João M. Harden, que da Universidade de Oxford, em 1903 veio para Portugal, organizar e reger, durante quatro anos, este Curso que teve principio, fim e capacidade. Além disto o rev. Fianador, convertido na puberdade, sempre entusiasta, afável e subindo na vida por um trabalho sequente e exaustivo, tornou-se um homem de prestígio, à sombra do Evangelho que modifica e santifica.

Outro evento, marcado na História da Igreja Lusitana, foi o seu 1.º Congresso, realizado em Junho de 1939, na nossa capital, mercê dum sonho acariado pelos revs. Belarmino J. V. Barata, A. P. Ribeiro Junior, Dr. Leopoldo de Figueiredo e Josué Ferreira Junior, etc. O que foi este Congresso, não pôde ser qualificado de palha queimada no fogo de um entusiasmo estéril. Houve elevação de espirito, houve profundo estudo e história sem fantasia ou conclusões forçadas, houve patriotismo, fidelidade a CRISTO e houve real fraternidade.

No capítulo fraternidade, convém frisar que a Igreja Lusitana, fiel e vigilante pelos seus principios e ordem, embora siga seu caminho, sem exteriorizações, sabe quanto deve à fraternidade com todas as comunhões evangélicas que não resvalam para a heresia, por isso, no seu Congresso deu e recebeu o abraço-cristão, a todos os obreiros e demais irmãos que vindo às sessões de trabalhos e plenárias, por presença ou palavras, trouxeram as suas saudações sinceras e, porque não devia ter sido assim, se alguns destes deram os seus primeiros passos no Evangelho, dentro da nossa Igreja?

Não estamos conduzindo cronologicamente neste trabalho os eventos de 1939, não podendo julgar também na especialidade o esforço dos nossos colegas, suas Congregações e Missões. Neste ponto, desde já, remetemos os nossos Amigos e Irmãos, para os diferentes mapas que pudemos elaborar, segundo as respostas ao questionário que a todos os ministros foi enviado, não lhe fazendo referências especiais.

De um modo geral, pode-se garantir que houve o máximo esforço em semear a Palavra-de-DEUS e que colectivamente, a Igreja Lusitana cavou pelo seu próprio esforço, o terreno que o SENHOR lhe deparou, pois embora o movimento espiritual não faça grandes e pomposas revelações, no Dia-Final, os frutos estarão patentes, sem ter sido preciso ocupar o espaço-vital de outrem.

Vem, a-propósito, falarmos dos Sacramentos ministrados pela nossa Igreja, para os quais a recomendação, senão ordem, é que sejam da responsabilidade directa de quem os pede, à parte o escrúpulo que deve haver nos ministrantes, falando nós neste assunto, como considerações explicativas de dúvidas levantadas ou a levantar sobre a sua autoridade e valor.

Além disto, na Igreja Lusitana o Sacramento do Baptismo, não se ministra sem que o oficiante inquiria, se o infante ou adulto, foi ou não já baptizado. Só depois é que lhe lança água sobre a cabeça ou o mergulha — se esta fórmula fôr pedida — mas tudo feito em « Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo », como « sinal da profissão e nota de diferença com que se distinguem os cristãos dos que o não são ».

Quere dizer: a Igreja Lusitana não rebaptiza, porquanto não ignora a disputa havida entre Estêvão, bispo de Roma e, Cipriano, bispo de Cartago, reconhecendo o primeiro, logo que o Baptismo fôsse ministrado com água e,

TÉSES DEFENDIDAS NO 1.º CONGRESSO

APROVADAS PELO SÍNODO DE 1939

Escolha e preparação de candidatos para o pastorado, pelo rev. António Ferreira Fiandor ;

Coeficientes para o desenvolvimento da Igreja Lusitana, pelo rev. Belarmino J. V. Barata ;

O problema da manutenção das Igrejas, pelo dr. Leopoldo de Figueiredo ;

A Igreja Lusitana como Igreja Nacional, pelo rev. Josué Ferreira de Souza ;

O que a Igreja Lusitana do século XX pôde aprender da Igreja Lusitana dos séculos III, IV e V, pelo rev. António Pinto Ribeiro Júnior ;

A necessidade do culto doméstico, por Custódio dos Santos ;

O precioso auxilio do elemento feminino no trabalho da Igreja, por D. May Cassels Gregory ;

Como organizar o trabalho dos adolescentes, por Guida Wilson Cláudio de Sousa ;

A mulher cristã como elemento primordial de uma Sociedade melhor, pela dr.^a D. Ruth Adelina Pires Chumbo ;

O Rádio ao serviço da Igreja, por Marcos Mata ;

O escotismo como auxiliar da educação cristã do rapaz, por David J. Alves Baudouin ;

A influência da Imprensa na Evangelização, pelo rev. Armando Pereira Araújo ;

A Escola Diária no seio da Igreja como elemento indispensável na obra da difusão do Evangelho, por D. Lavinia de Figueiredo ;

A Escola Dominical, vestibulo da Igreja, pelo sr. Josué Ferreira de Souza Júnior ;

Igreja dos homens e Igreja de Cristo, por Tomaz Emídio de Carvalho Ribas ;

O Cristianismo, base da verdadeira fraternidade, pela dr.^a D. Lóide Cândida Pires Chumbo ;

Uma Igreja sem vidas transformadas pelo Evangelho, está destinada a desaparecer, pelo rev. Agostinho Ferreira Arbiol.

«benção especial sobre a vossa união?» A irresponsabilidade da Igreja Lusitana, pois esta só realiza esta solenidade depois de previamente, em culto público, ler os respectivos banhos e o oficiante — ministro canonicamente ordenado — ter ouvido de cada um dos noivos a resposta: *Quero, em seguida à pergunta: ... «Quereis confirmar e santificar o vínculo matrimonial, que já contrastes em conformidade com as leis deste país, pedindo a Deus a sua benção especial sobre a vossa união?»* A irresponsabilidade da Igreja Lusitana quanto à dissolubilidade, se é praticada, a culpa não é da Igreja Lusitana, um Sacramento.

que o consideram dissolúvel, outros porque não lhe damos as características de Congregações a solenidade do Matrimónio. Há quem maisine este acto, uns porque se vê do Mapa do movimento paroquial, houve também nas nossas consagrados.

comunhão, ministrante e comungantes, consomem o que resta dos elementos «CRISTO», razão porque a Igreja Lusitana não tem estas inovações e, após a não era levado em precissão, não era exposto, nem adorado por instituição de que na Igreja Primitiva «o Sacramento da Ceia do Senhor, não se guardava, «CRISTO se recebe e se come na Ceia, é a Fé», convindo notar, neste ponto, «de um modo unicamente celestial e espiritual. E, o meio pelo qual o Corpo de «dos»... O Corpo de CRISTO dá-se, toma-se e come-se na Ceia do Senhor «pão e do vinho) na Ceia do Senhor, não se pode provar pelos Livros Sagrados Cruz-do-Calvário... «A transubstanciação (ou a mudança de substância do «mento da nossa redenção pela Morte de CRISTO», uma única vez realizada na «do mútuo amor que deve haver entre os cristãos, mas é também um Sacramento distribuídos pelos comungantes, pois a Ceia do Senhor « não só é um sinal de pão e de vinho, elementos que depois de consagrados por um presbítero, no presbítero, coberta com uma toalha branca, onde se coloca a quantidade recebem da inter-comunhão entre cristãos. É preparada numa mesa colocada pros da Igreja Lusitana, ou membros de outras Igrejas-evangélicas que nada O Sacramento da Eucaristia — Ceia do Senhor — é somente para os mem-

mática. que a nossa Igreja conserva, muito longe de se considerar herética ou cismática em Nome-da-Trindade, por herejes ou cismáticos, era válido, regra esta que desde então ficou estabelecida na Igreja Latina, que alguns põem de parte, mas

O trabalho missionário da Igreja Lusitana na Metrópole, pelo rev. Augusto Nogueira;
A Igreja Lusitana em sua relação com as outras confissões reformadas, por Josué Ferreira de Souza Junior;
O valor da nossa Liturgia, pelo rev. Frederico W. Flower.;
A restauração da Igreja Lusitana, pelo rev. José Pereira Martins;
Vultos e factos da Igreja Lusitana, pelo rev. Belarmino J. V. Barata;
A Igreja Lusitana e a Assistência, por D. Dália Nobre;
A Igreja Lusitana e a Instrução, pelo rev. António Ferreira Fiandor;
O que se tem feito em matéria de canto coral nas nossas Igrejas, pelo dr. Leopoldo de Figueiredo.

COMUNICAÇÕES FEITAS AO 1.º CONGRESSO
ACEITES PELO SÍNODO DE 1939

MOVIMENTO DE INSTRUÇÃO PÚBLICA

ESCOLAS POR ORDEM DE ANTIGUIDADE	PROFESSORES	ALUNOS MATRICULADOS	EXAMES		RECEITA	DESPESA
			3. ^a classe	4. ^a classe		
Escola do Torne — Gaia	6	243	28	16	28.471\$35	25.446\$05
Colégio Lusitano — Lisboa	3	75	13	6	10.907\$95	10.766\$95
Escola do Bom Pastor — Gaia	2	130	12	4	4.081\$00	5.203\$60
Escola Evangélica do Bom- fim — Pôrto	2	101	18	5	10.681\$35	10.187\$90
Colégio Lusitano — Setúbal	2	23	2	1	—	—
Escola do Prado — Gaia	4	120	25	12	4.500\$00	5.000\$00
Colégio Lusitano — Gaia	1	41	2	3	3.884\$00	3.726\$05
Totais	20	733	100	47	62.525\$65	60.330\$55

OBSERVAÇÕES: — Não se mencionam aqui grande número de alunos que transitaram da 1.^a e 2.^a para a 3.^a classe. — Nenhuma destas Escolas tem estipulados subsídios particulares ou oficiais. — Algumas, além dos cursos diurnos, tem cursos nocturnos para operários. — A alunos extremamente pobres fornecem-se cadernos e livros, bem como pelo Natal se distribuem em geral e conforme a sua aplicação, prémios pecuniários, livros, diplomas, medalhas, etc. — Alguns dos professores não recebem ordenado e outros não o têm fixo.

tana, ainda é mais categórica, quando depois dos requisitos citados, feita a declaração dos noivos de se ajudarem e amarem *até que a morte os separe*, o oficiante, juntando-lhes as mãos, proferir a sentença de Jesus: *Aquêles que Deus ajuntou, ninguém separe*.

No respeitante à Igreja Lusitana não dar foros de Sacramento ao Matrimónio, é porque não apresenta «sinal algum visível ou cerimónia estabelecida «por Deus.» De resto, os que o reputam um Sacramento, não podem firmar-se nos seus argumentos, tão precários estes se apresentam.

Dadas estas explicações, outras terão de ir acompanhando os nossos relatos.

Assim, desde a restauração da nossa Igreja, foi ligado ao seu trabalho evangelístico a instrução, pela Escola Primária e Secundária, havendo épocas em que o rev. Diogo Cassels, preparou para o magistério algumas professoras e professores, que aprovados pelas Escolas Normais, chegaram a exercer o professorado oficial.

Não podia a Igreja Lusitana deixar de cumprir êste dever nos tempos em que o analfabetismo apresentava uma horrorosa percentagem e as escolas

eram raríssimas. Mesmo, porque, como organismo nacional, não podendo ser indiferente à instrução da Pátria, não poderia justificar a sua razão de ser, sem o livre exame escrito, sempre superior à concepção oral.

Dêste modo, sem receio de desmentido, as nossas Escolas arrancaram ao analfabetismo milhares de milhares de portugueses que, diga-se de passagem, não são hoje praticantes da nossa Igreja. Isto, porque dentro das nossas Escolas, nunca existiu o espirito dogmático e sectarista, mas apenas a fidelidade aos programas oficiais, num respeito inequívoco pelo Estado, sem contudo torcer ou disfarçar a moral do Evangelho.

Foi esta uma das razões, quando depois de 1910, o laicismo, incongruente-mente expulsou o Nome-de-DEUS dos compêndios e baniu das Escolas a moral-cristã, que nós sentindo ser isso um atentado ao inato espirito de religiosidade nacional, reagimos com vantagem, visto não materializarmos DEUS, nem do Evangelho fazermos lenda ou o julgarmos carecido de enxertos.

MOVIMENTO DAS ESCOLAS DOMINICAIS

ESCOLAS	PROFESSORES	CLASSES				Receita	Despesa
		Crianças	Ass. média	Adultos	Ass. média		
S. Pedro — Lisboa	3	3	34	—	—	132\$00	132\$00
S. Paulo — Lisboa	4	4	60	1	20	497\$15	497\$15
Jesus — Lisboa	4	2	19	1	10	177\$65	70\$45
Espirito Santo — Setúbal	1	1	18	—	—	31\$00	52\$00
Redentor — Pôrto	3	3	20	—	—	114\$50	152\$75
S. João Evangelista — V. N. de Gaia	17	12	160	1	10	647\$00	470\$00
Bom Pastor — V. N. de Gaia	2	2	40	—	—	—	—
Salvador do Mundo — V. N. de Gaia	5	3	60	—	—	200\$00	195\$00
Cristo — V. N. de Gaia	1	1	23	1	9	—	—
Remidor — Alc.-do-Sal	—	—	—	—	—	—	—
Mártires da Fé — Evora	—	—	—	—	—	—	—
Santo Estêvão — Campanhã	1	1	15	—	—	—	—
Totais	41	32	449	4	49	1:799\$30	1:569\$35

OBSERVAÇÕES: — Estas Escolas estudam a Bíblia pela prática do livre exame. Geralmente pelas festas do Natal os seus alunos são premiados com peças de vestuário, livros, chá, doces, diplomas, medalhas, etc.

Infelizmente as nossas Escolas, partidos para a Eternidade alguns dos seus fundadores e sustentáculos, atravessam uma grave crise, não de falta de alunos ou vontade e direito de prosseguirem, mas de carência de recursos financeiros. Junta-se a isto, suspeitas ao nosso íntegro nacionalismo, surda malsinacção do nosso escrupuloso ensino, concorrências desleais e comesinhas, pelo que, os que as temos agora de dirigir e defender, quasi temos de chapéu na mão suplicar para elas meios, não podendo saber até onde a ingratição as deixará singrar.

No meio destas tristezas, algum alento nos vem. Antigos alunos, reconhecendo as actuais dificuldades, recordando a sua despreocupada infância,

MOVIMENTO CULTURAL

Realizado pelas Escolas Diárias e Dominicais, Uniões Cristãs, Sociedades de Senhoras, Corpos de Evangelização, Escoteiros, Coros, etc.

Departamentos das Congregações ou Missões de	Conferências	Recitais de música sacra	Saídas evangelísticas	Excursões	Festas familiares ou Sessões Solenes	Distribuição de literatura evangélica			ESCOTISMO					
						Novos Testamentos	Bíblia	Tratados	Acampanh. regionais	Acampanh. só do grupo	Bivagues	Excursões	Festas	
S. Pedro — Lisboa	—	—	—	1	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—
S. Paulo — Lisboa	1	1	—	1	1	50	2	2.000	5	18	2	4	5	
Jesus — Lisboa	9	—	—	3	2	—	—	—	—	—	—	—	—	
Redentor — Pôrto	3	—	—	3	2	20	26	3.000	—	—	—	—	—	
S. João Evang. — Gaia	2	—	7	1	6	38	17	9.000	—	—	—	—	—	
Bom Pastor — Gaia	7	—	2	1	3	8	6	4.000	1	—	5	3	2	
Salvador do Mundo — Gaia	—	—	—	1	7	10	18	22	—	—	—	—	—	
Cristo — Gaia	—	—	—	—	—	2	2	250	—	—	—	—	—	
Espírito Santo — Setúbal	—	—	7	—	—	—	—	8.400	—	—	—	—	—	
Remidor — Alcácer-do-Sal	—	—	—	1	—	—	—	2.850	—	—	—	—	—	
Mártires da Fé — Évora	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Santiago Apóstolo — Valbom	2	—	1	1	—	—	—	500	—	—	—	—	—	
Santo Estevão — Campanhã	1	—	—	1	1	—	—	500	—	—	—	—	—	
Totais	25	1	17	14	25	128	71	30.522	6	18	7	7	7	

OBSERVAÇÕES: — Pelos questionários não nos foi possível colhêr mais elementos para êste mapa. Estamos certos que tanto na assistência, como em resultados práticos, foram mais significativos.

MOVIMENTO

CONGREGAÇÕES E MISSÕES	MEMBROS		CULTOS					
	Comun- gantes	Em Observação	Dominicais	Ass. média	Semanais	Ass. média	Especiais	Ass. média
S. Pedro — Lisboa	52	7	106	40	52	40	4	70
S. Paulo — Lisboa	80	27	106	70	52	80	9	100
Jesus — Lisboa	33	6	55	29	59	35	8	38
Redentor — Pôrto.	85	—	106	65	52	35	7	120
Espírito Santo — Setúbal	30	22	104	50	52	25	13	—
S. João Evangelista — Gaia.	149	4	106	128	52	46	5	158
Bom Pastor — Gaia	42	10	106	40	51	20	5	30
Salvador do Mundo — Gaia	60	40	100	60	—	—	10	85
Cristo — Gaia	19	5	53	43	4	75	3	91
Remidor — Alcácer do Sal	27	3	52	14	8	19	2	32
Missão Mártires da Fé — Évora	15	12	12	17	—	—	—	—
» Santiago Ap. — Valbom	12	—	50	20	—	—	2	45
» S. ^{to} Estêvão — Campa- nhã	17	9	50	25	46	16	—	—
Totais	621	145	1006	601	428	391	68	769

testemunhas de vista de carinhos e isenções recebidas, estão provando que neste mundo nem tudo é podridão.

Depois das tentativas de alguns antigos alunos da Escola do Redentor, Bomfim, Pôrto, veio a Associação dos Antigos Alunos da Escola do Torne e Prado num esforço e entusiasmo invulgares, vieram as Quermesses públicas, para as quais Comércio e Indústria têm dado o melhor do seu auxílio, como às mesmas têm dado a sua cooperação os mais distintos organismos musicais e literários, etc.

Tem sido benéfica tôda esta acção. Convém lembrar que o estado do mundo dissolve e arrefece estas iniciativas e que o Estado e outras iniciativas particulares têm aberto já muitas Escolas ao redor das nossas. O facto, como portugueses regosija-nos e não nos desperta ciúmes, porém, que todo êste abençoado progresso, não seja o surdo abafo de quem, durante mais de meio século, sòzinho, sem pezar para a direita ou para a esquerda, educou e ensinou como é ainda, por exemplo, uma irrefutável testemunha o Mapa do Movimento Escolar em 1939.

Dentro das referências à nossa acção escolar, não podemos deixar de nos referir a um acto de invulgar justiça, praticado em Vila Nova de Gaia, à memória do rev. Diogo Cassels, levado a cabo, vencidas inúmeras dificuldades, por

PAROQUIAL

ORAÇÃO		SACRAMENTOS					RITOS		RECEITA	DESPESA
Reuniões	Ass. média	Comunhão mensal	Ass. média	Comunhão especial	Ass. média	Baptismos	Matrimónios	Óbitos		
—	—	12	50	1	30	1	1	3	16.383\$50	16.241\$35
52	20	12	30	2	45	5	2	1	10.286\$73	10.286\$73
7	12	12	19	—	—	3	1	1	6.279\$60	5.183\$45
4	30	12	35	1	55	3	2	4	7.950\$05	7.696\$60
6	15	24	9	—	—	3	—	4	592\$15	502\$90
12	9	12	77	1	127	8	5	3	27.818\$60	14.543\$15
—	—	12	27	1	30	2	1	3	2.314\$75	996\$40
12	42	12	38	1	95	8	3	5	2.189\$10	1.993\$65
2	13	12	11	—	—	1	2	2	139\$50	108\$50
—	—	6	14	2	5	1	—	1	642\$05	562\$00
—	—	—	—	4	—	—	—	2	306\$60	306\$60
—	—	—	—	—	—	—	—	—	660\$00	650\$00
—	—	2	15	—	—	—	—	—	936\$00	884\$90
95	141	128	325	13	387	35	17	29	76.498\$63	59.956\$23

homens de tôdas as categorias sociais e burocráticas, sem, na sua maioria, pertencerem à Igreja Lusitana. Referimo-nos ao monumento, erigido no môro ajardinado na Serra do Pilar, onde acenta um busto que no traço das suas linhas, apresenta o rosto compassivo do Homem que, talvez só venha a perpetuar aos vindouros o abnegado pedagogo, amigo dos pobres e das criancinhas, mas que a Igreja que êle serviu, quis grande e bem portuguesa, legando-lhe templos e escolas, saberá eternamente que o segrêdo da sua acção, esteve na prática do Evangelho de CRISTO, pela disseminação do qual, foi arrastado aos tribunais em 1868, onde em sua defesa, alegou: « que nada tinha feito contra as leis de DEUS ou dos homens e a sua consciência de nada o acusava e, se pelo contrário êle tivesse faltado ao cumprimento de alguma lei, não pedia para ser absolvido, mas queria ser condenado ».

E, tanto o espírito dêste pioneiro do Evangelho era a grandeza da Igreja Lusitana, que à semelhança do dr. Godofredo Pope, realizou tentativas de cursos de preparação de obreiros, ao último dos quais pertencemos com o rev. José Pereira Martins e António Peres Júnior, curso que foi a ponte de passagem para o primeiro Curso Teológico da Igreja Lusitana, ao qual já aludimos, onde o rev. Diogo Cassels foi professor de Ciências e Português, revelando-se na última destas disciplinas, um profundo conhecedor das regras gramaticais.

MOVIMENTO

BALANÇO

	RECEITA	DESPESAS	TOTAIS	
			RECEITA	DESPESAS
Congregação de S. Pedro:				
Fundo paroquial	16.383\$50	16.241\$35		
Escola Dominical	132\$00	132\$00	16.515\$50	16.373\$35
Congregação de S. Paulo:				
Fundo paroquial	10.286\$73	10.286\$73		
Beneficência	2.642\$32	1.782\$00		
Obras	1.478\$85	482\$80		
Fundo pastoral	2.343\$53			
Fundo para Despesas Extraordinárias	1.956\$22			
Escola Diária	10.907\$95	10.766\$95		
Escola Dominical	497\$75	497\$15	30.113\$35	23.815\$63
Congregação de Jesus:				
Fundo paroquial	6.279\$60	5.183\$45		
Beneficência	2.604\$25	2.604\$25		
Esforço Cristão	3.876\$45	3.276\$05		
Escola Dominical	177\$65	70\$45	12.937\$95	11.134\$20
Congregação do Redentor:				
Fundo paroquial	7.950\$05	7.696\$60		
Fundo pastoral	10.471\$80			
Escola Diária	10.681\$25	10.187\$90		
Beneficência	1.838\$30	1.878\$30		
Sociedade de Senhoras	1.518\$65	1.510\$55		
Escola Dominical	114\$50	152\$75	32.574\$55	21.426\$10
Congregação do Espírito Santo:				
Fundo paroquial	592\$15	502\$90		
Escola dominical	31\$00	52\$00	623\$15	554\$90
Congregação de S. João Evangl.:				
Fundo paroquial	27.818\$60	14.543\$15		
Corpo de Evangelização	1.211\$70	619\$00		
Escola Diária	28.471\$35	25.446\$05		
Cantina beneficente	3.413\$50	6.268\$45		
Escola Dominical	647\$20	470\$00		
Fundo pastoral	18.083\$35	— \$ —		
União Feminina	795\$10	212\$25	80.440\$80	47.558\$90
<i>A transportar</i>			173.205\$30	120.863\$08

FINANCEIRO

GERAL

	RECEITA	DESPESAS	TOTAIS	
			RECEITA	DESPESAS
<i>Transporte.</i> . . .			173.205\$30	120.863\$08
Congregação do Bom Pastor:				
Fundo paroquial . . .	2.314\$75	996\$40		
Sociedade de Senhoras	755\$30	553\$20		
Grupo Escoteiros . . .	526\$00	526\$00		
Escola Diária . . .	4.081\$00	5.203\$60	7.677\$05	7.279\$20
Congregação do Salvador do Mundo:				
Fundo paroquial . . .	2.189\$10	1.993\$65		
Escola Dominical . . .	200\$00	195\$00		
Escola Diária . . .	4.500\$00	5.000\$00	6.889\$10	7.188\$65
Congregação de Cristo:				
Fundo paroquial . . .	139\$50	108\$50		
Escola Diária . . .	3.884\$00	3.726\$05	4.023\$50	3.834\$55
Congregação de Cristo Remidor:				
Fundo paroquial . . .			642\$05	562\$00
Missão Mártires da Fé:				
Fundo missionário . . .			306\$60	306\$60
Missão de Santo Estêvão:				
Fundo missionário . . .			936\$00	884\$90
Missão de Santiago:				
Fundo missionário . . .			660\$00	650\$00
Fundo Central do Sínodo . . .			1.469\$55	1.358\$30
1.º Congresso			5.129\$75	5.159\$80
<i>Totais.</i> . . .			200.938\$90	148.087\$08

Aqui chegados, é justo recordar outras tentativas, com o mesmo fim, realizadas pelos revs. André B. Cassels, Frederico Flower e Santos Figueiredo, o Curso de preparação de obreiros, de 1935 a 1937 regido pelo rev. Fiandor, com a cooperação dos revs. Nogueira e Pinto Ribeiro, bem como os esforços do rev. Martins e ultimamente dos revs. Josué, Barata e Pinto Ribeiro, em Lisboa, e Arbiol, no Pôrto.

Estas actividades, revelam que a preparação cultural dos nossos obreiros tem, em todos os tempos, merecido a melhor atenção da nossa Igreja, tanto assim, que foi um dos assuntos mais debatidos no Sínodo de 1939 por leigos e clérigos, pelo que o júri que, no Norte, presidiu a escrupulosos exames de novos prègadores licenciados, no seu minucioso relatório à presidência do mesmo Sínodo, insistiu pela elaboração de um programa que unifique e desenvolva o ensino desta matéria, tanto no Norte como no Sul, a-fim-da melhor preparação dos que internamente se sintam chamados à prègação do Evangelho ou ao futuro ministério cristão.

Sabemos muito bem que um crente, assíduo leitor das Escrituras e perseverante na oração, facilmente desfaz argumentos casuísticos; contudo, nesta época de abundância de diplomados, tradicionalistas orais e pagãos filósofos, é necessário que quem suba a um púlpito ou redija para a Imprensa, junte à sua capacidade e testemunho espiritual, uma cuidada cultura que o imponha sem vexar ou ser vexada a Igreja Lusitana.

Bem basta uma grande parte do actual clero, ter de procurar no emprêgo secular o seu sustento, pois se sujeita a despeitos e irreverências da parte de quem não conhece a sua isenção pastoral e valor intelectual, muito acima de uma pretensa ilustração e educação mercenária que os seus detractores ostentam.

A necessidade que o nosso clero sente de prover na vida secular às suas necessidades materiais, deve-se em parte a muitos membros da nossa Igreja — e já é tempo disso — não meditarem nas palavras de S. Paulo, o qual também um dia não achou desprezo trabalhar em tendas de campanha: *Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as corporais?...* Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o Evangelho (I Cor., 9:11 e 14).

Felizmente, há já Congregações que estão pensando e já têm criado o seu Fundo pastoral, afastando-se assim de um estado parasitário, como pelo Fundo paroquial já vão fazendo face às suas despesas internas de contribuições ao Estado, conservação, limpeza e ampliação de edificios, seguros contra riscos, luz, impressos, etc.

Êste facto, sendo um bom preságio, está ainda longe de ser o que deve, pois ainda a saca da colecta passa nos cultos com a indiferença dos congregados, ou lançando-lhe a mais mínima moeda que se perde nos bolsos; as contribuições são exiguamente entregues aos tesoureiros e muitas vezes só quando são lembradas do púlpito; muitas das responsabilidades colectivas e financeiras, são deixadas aos ministros, que tantas vezes as têm de satisfazer do seu magro pão!

É tempo de ir acabando esta indiferença e encôsto. A obra espiritual que absorve a mentalidade dos ministros deve ser facilitada. Os diferentes

mapas espalhados por estas páginas, demonstram quanta soma de energia e tempo os ministros têm de dispendar, embora seja justo verificar que nas nossas Congregações, já aparecem boas e consagradas ajudas, mas, para isto, quantos a certa altura se sentem capacidades superiores aos que os chamaram e, outros não fazendo nada, exigem que se faça tudo!

Embora êste espírito algumas vezes quebre inércia e estimule, não deve alastrar-se, uma vez que a Igreja Lusitana sem se caldear com o mundanismo, nem com as arrogâncias bárbaras da fantasia pagã, cuida por tôdas as formas da saúde da alma: nas reuniões de *Estudo Bíblico*, esclarecendo crianças e adultos na beleza pura da Palavra-de-DEUS; nas *Conferências*, procurando a lucidez do espírito, trazendo à superfície o que se ignora ou vai descobrindo; nas *Sociedades de Esfôrço Cristão*, vinculando o companheirismo na oração e luta por CRISTO e sua Igreja; nas *Uniões da Mocidade*, feminina e masculina, aproveitando energias que despertam, facilitando oportunidades de revelação de dotes culturais e sociais; nas *Sociedades de Senhoras*, caldeando os deveres do Lar com os da Igreja, no asseio, na economia e na beneficência; no *Escotismo*, pondo a mocidade em contacto directo com DEUS e a Natureza, numa acção sempre pronta a bastar-se a si e a servir aos outros.

Neste capítulo, muito já se tem feito e continuará a fazer, pois por tôda a Igreja Lusitana, passa uma rajada de revigoração espiritual, intelectual e social, embora se levantem muitas dificuldades para arcaboço tão pequeno, porém, bem pequenino era o pastorzinho David diante do esbracejar do gigante Golias, mas para o insultador, David caminhou em nome de DEUS e venceu!

Logo a Igreja Lusitana, caminhando em nome de DEUS, vencerá!

Concluindo:

Crêmos, obedecendo à *Verdade evangélica*, ter dito o suficiente para testemunhar que a missão da Igreja Lusitana se realiza com *Ordem apostólica*, se confirma com *Liberdade na dúvida*, se define com *Unidade na Certeza*, exercendo a *Caridade em tudo*.

É possível que involuntariamente tenhamos cometido algum lapso. Neste mundo ninguém é infalível, mesmo dentro da Igreja Lusitana só é reconhecida a infalibilidade de CRISTO, mas se qualquer lapso tiver havido, os nossos prezados Amigos e Irmãos, facilmente o corrigirão nos mapas, que nos foi possível organizar, mediante os questionários, como já dissemos, a todos os ministros enviados.

E, agora, já que foi vontade da presidência do Sínodo e dos nossos caros colegas no ministério cristão-luso, que coordenássemos êste trabalho, seja-nos permitido dizer:

PROSSIGAMOS

por CRISTO e sua Igreja, nesta terra sagrada dos nossos maiores que a quiseram espiritualizada por uma Igreja bem lusa, terra intangível que nenhum perigo corre pela nossa acção evangelizadora e educadora, quer no trabalho já feito pela graça de DEUS nas nossas Congregações, Missões e Escolas, quer naqueles outros que se venham a empreender com a calma, persistência e nacionalismo, que tem sido nosso apanágio, tendo um exemplo no Corpo de Evange-

lização da Congregação S. João Evangelista, exemplo vivo e vivido de uma alma, que sem revelação ou ostentação pessoal, quer almas dispersas pelos caminhos, chamadas para a Salvação.

Oxalá, em direcção contrária mas convergente à mesma finalidade, se levantasse quem fizesse passar do projecto à realidade, o nosso órgão na Imprensa portuguesa, cuja demora, nos coarta de defesa e expansão do conhecimento da nossa razão de ser.

Portanto:

Joelhos em terra, corações ao alto, porque se *até aqui nos ajudou o SENHOR* (I Sam., 7:12), se nós *prêgamos a CRISTO-crucificado* (I Cor., 1:23), se a *Graça e Verdade vieram por JESUS CRISTO* (João, 1:17), *todo aquê que invocar o Nome-do-SENHOR, será SALVO!*

Vosso conservo em Cristo

A. Pereira ARAÚJO

(Relator).